2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal — S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 4. QUINTA FEIRA, 3 DE OUTUBRO DE 1850. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Ler e Saber.

> O saber lêr não é prenda, nem luxo, mas necessidade, e condição primaria, e impreterivel da civilisação. Contribuâmos pois por todos os modos directos e indirectos para se diffundir esta alvorada das sciencias, das artes, da liberdade, da justiça, da virtude, da religião, da sociabilidade, n'uma palavra, da ventura humana em toda a sua extensão.
>
> *A. F. de Castilho.* — Leitura Repentina.

53 No lêr está o saber — e no saber está a civilisação.

Olhae attentamente para o paiz — vêde essa fermentação crescente do espirito, que se repousa por momentos nos typos, e que depois vôa por toda a nação, até que se esvae para novamente resurgir, e deixar novo traço de luz sobre a superficie tenebrosa da ignorancia.

Olhae como, ao passo que um dos nossos primeiros escriptores se condemna ao exilio do mundo para se fazer mestre da infancia, o operario descança do trabalho escrevendo para a imprensa.

Aproximae o fervor, com que todos os elementos sociaes se fundem no desejo da civilisação, com a idéa regeneradora que se está mirrando opprimida pelas cifras do nosso deficit, e pelas tradicções da rotina e do absurdo.

Vêde como a revolução estremece, e destende os elos da cadêa, que se não electrisam por um impulso directo e corajoso dos primeiros anneis.

Se o coração se vos não desnaturalisou, se, á similhança de Byron, assistís á tempestade politica que ha tantos annos devasta o paiz — não cruzeis como elle os braços sobre o peito, erguei-os ao céo, e accreditae em que a salvação ainda é possivel. — Saudae cada esperança, que virdes luzir no annuveado céo da patria, e fazei preces para que a estrella, que se esconde da terra, a venha guiar para a Promissão do trabalho e da intelligencia.

Ou já não ha deveres no mundo, ou este é um dos que mais do coração se ha de cumprir.

Nós vamos cumpril-o para com uma grande intelligencia, e para com um grande nome.

Escolhemos esta parte do nosso Jornal, para tal fim, porque julgamos, que é logica a collocação do artigo.

Sem a leitura, não são nada as sciencias, a agricultura e a industria.

É de um novo methodo de aprender a lêr, que nós vamos tractar.

Estudada a situação do paiz — uma verdade se encontra — que não é impugnada, nem desconhecida.

Todos pedem o pão do espirito, e são mui poucos os que o recebem da educação da sociedade, ou da instrucção publica.

Na familia, a educação não é ainda perfeitamente comprehendida, como o primeiro dever do pae, e o primeiro direito do filho; nas aulas, nessas poucas que ha no paiz, os professores resolvem o problema difficil de viver quasi sem paga — ao passo que em grande parte ensinam mal, e sem responsabilidade propria, nem inspecção alheia.

A instrucção publica consiste no seguinte:
Obrigação de a aproveitar:
Realidade de a promover:
Effectividade de a remunerar:
Pensamento organico:
Methodo de ensino por meio do um só systema de livros e de praticas.

Fóra destes pontos, a phrase pomposa de instrucção publica se converte em
Illusão:
Engano:
Immoralidade:
Desorganisação:
Anarchia.

Donde se conclue: —

Que decretar a instrucção publica, e não a fazer obrigatoría, é illudir os desejos, e as necessidades da nação;

Que não a promover pelos verdadeiros meios é enganar a esperança da civilisação;

Que não a pagar é instaurar a immoralidade no seu pleno dominio;

Que não a organisar é desorganisar a sociedade;

Que não adoptar methodos uniformes é inutilisar pela anarchia do ensino a maxima parte das vocações, e das forças de qualquer paiz.

Comparem-se as leis que temos sobre a materia, com os factos, que são publicos, e cada um guarde na consciencia a conclusão que achar.

O nosso dever, na presença do que fica exposto, é tributar aqui um publico e solemne tributo de respeito e admiração ao Sr. Antonio Feliciano de Castilho, pela publicação do seu livro:

Leitura Repentina. Methodo experimentado e efficacissimo para em poucas Licções, e com muito recreio, se aprenderem a lêr impressos, manuscriptos e numeração, approvado pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Reino, para uso das Escholas Nacionaes, e illustrado de numerosas gravuras.

O Livro é dedicado á Ex.ma Sr.a D. Maria Meclina Pereira Pinto, Dignissima Presidente da Sociedade Consoladora dos Afflictos, como homenagem á virtude e ao talento.

O Auctor não podia escolher coração mais portuguez, para comprehender o seu patriotismo, nem mais elevado espirito de Senhora para avaliar o tributo de respeito, que a dedicatoria exprime.

Se o tempo val como oiro na vida social, ao presente que as edades diariamente se adiantam, val mais do que diamantes nos primeiros dias da infancia.

Quanto mais cedo as portas do mundo infinito da intelligencia se abrirem para a creança, tanto mais tarde se prolongará a vida feliz do homem.

Foi possuido deste pensamento philosophico, que o Sr. Castilho compoz o seu Livro — que se poderá chamar maravilhoso se no continente fôr experimentado, com a publica e reconhecida efficacia, com que está já quasi inteiramente adoptado no ensino das nossas ilhas.

Como a imprensa é instrumento que salva, e que mata, nada mais facil do que apparecer algum Voltaire tacanho, ou Malagrida anão, e dizer — o Sr. Castilho compoz um novo methodo de lêr, — e accrescentar a isso um ponto de admiração, signal que a ignorancia, a malvadez e a covardia costumam adoptar para que não as tomem como puro e descarado contrabando de intelligencia e de patriotismo.

Escusam de se arriscar em erguer para a luz o rosto, que trazem coberto com a mascara, pois que provada a efficacia, e a excellencia do methodo, mais deve o Sr. Castilho querer a este seu livro, do que a quantos já escreveu, e possa escrever. Desses fallará, larga, e dignamente a historia litteraria, mas deste, se, como julgâmos, fôr chave que abra repentinamente a muitissimos intendimentos o cofre precioso do saber — se occupará a historia geral de todas as ligações que prendem o homem á sociedade desde o berço até á sepultura.

Ha no Livro do Sr. Castilho dois livros — um é para paes e mestres, outro é para os discipulos. Unidos pelo mesmo pensamento, unidos se deviam publicar.

Consta de 16 Licções, ou periodos de ensino, e são: —

I. Conhecimento das lettras.
II. Ligação das lettras.
III. Variedades de lettras com idéa do seu valor.
IV. Regras facillimas para se desatarem de antemão algumas difficuldades da leitura portugueza.
V. Leitura de palavras de uma, duas, tres, e quatro lettras.

VI. Leitura de palavras de cinco, seis, sete, e oito lettras.

VII. Leitura de palavras de nove e mais lettras.

VIII. Pontuação.

IX. Applicações praticas dos valores da pontuação e dos mais signaes graficos, comprehendendo a enumeração dos defeitos da leitura — rol das terminações mais frequentes na lingua portugueza—uma serie de contos joviaes, sendo cada conto consagrado principalmente a uma das consoantes, appresentando um bom numero de combinações variadas por tal modo que lidos todos os contos, talvez não seja facil descobrir em portuguez, uma combinação de lettras, que em algum delles se não encontre, ou pelo menos analogia por onde se não atine e explique.

X. Alphabeto, com o modo de nomear cada lettra por evitar equivocação aos ouvintes, e varias formulas no mesmo sentido.

XI. Estudo dos diversos abecedarios.

XII. Manuscripto.

XIII. Abreviaturas mais notaveis.

XIV. Algarismos arabigos.

XV. Leitura dos numeros.

XVI. Leitura da numeração.

Ficam marcados as divisões do methodo. — Quanto ao que elle seja, falle o que se contenta com o titulo de aperfeiçoador, mas que nós, depois de o estudar, chamaremos antes verdadeiro inventor.

Eis aqui o prologo do methodo.

O methodo de leitura de Mr. Lemare, é engenhosamente fundado em bases naturaes. É facil de comprehender, e de ensinar; faz do trabalho um passatempo, assim para os Mestres, como para os Discipulos; e, graças a todas estas clausulas, reduz a um mez, a vinte dias, e ás vezes a menos, este primario ensino, que, pelos methodos antigos, devorava, e devora, annos. Todavia, sem embargo de tantas excellencias, e de rasões tão fortes e claras para se universalisar, o Methodo de Mr. Lemare, tantas vezes reimpresso, tantas vezes confirmado pela experiencia, tão recommendado por bons filosophos, e tão conchavado com o bom senso, o Methodo de Mr. Lemare, repito, não é ainda hoje seguido geralmente em França; e fóra de França, podemos dizer, que é ignorado. Que prova isto? Contra elle, nada; só prova a tyrannica omnipotencia do costume, do vezo, do *ramerrão*. Aquillo com que um se creou, parece-lhe sempre o mais natural.

Os Mestres, que, desde a infancia, se habituaram a dar a cada lettra certo nome, embora *falso;* a syllabar de certo modo, embora *vicioso;* e a quem já esqueceram os tormentos, os annos de martyrio, que essas insensatezes semsabores lhes custaram, acham menos commodo pôrem-se a estudar de novo, o que imaginam saber, do que irem impellindo a geração, que se nos segue, pelo mesmo declivio abaixo, por onde a elles os impelliram seus pais, e a seus pais, os seus avós. O amor proprio, que em tudo se intromette, póde tambem contribuir para estas esquivanças. São em verdade dois inimigos bem ruins, e duros de vencer estes; *amor proprio, e preguiça!* Mas, como elles neste caso estão vedando a entrada de um pequeno paraiso, não como anjos, senão como demonios, e, não a peccadoraços, senão a innocentinhos, procuremos vencel-os, e seja com as suas proprias armas.

Saiba pois, desde já, a preguiça, que, no substituir o Methodo novo ao antigo se lhe forra em verdade, como já dissemos, tempo, cansaço, e abhorrimento: e o amor proprio, advirta, em que vae muito mais credito no voar como as aguias, de monte a monte, do que no rastejar de pedrinha em pedrinha, apalpando, e babando-se, como as lesmas; e que aos primeiros visitadores de um paiz novo, cabem maiores ufanias, que ao azemel ronceiro, que segue, já de cór, a prosaica estrada, por onde vai e vem, desde pequeno, e sempre pobre.

¿Em que consiste, porém, este Methodo de Mr. Lemare, que tanto recommendo? Consiste: 1.° em representar cada lettra por uma figura mui parecida com ella, e que lhe exprima o som: 2.° em se achar cada palavra, sem custo, pela somma dos valores das lettras, de que a mesma palavra se compõe. Nestas duas simplicissimas bagatellas está todo o segredo.

A Mr. Lemare, pertence, pois, a gloria da invenção. Mas, adoptando-lhe a idéa fundamental, eu não fiz uma applicação do já existente á nossa lingua; foi-me necessario refazer, crear quasi tudo de novo. A sua obra não era tradusivel, como esta minha o não é egualmente. Para cada idioma tem de se assentar sobre a mesma base filosophica um edificio diverso.

Seu a seu dono. Mr. Lemare teve a indisputavel gloria de ser o primeiro; mas tres reivindico eu para mim, e m'as hão de conceder: 1.ª que as figuras do meu alphabeto são muito menos forçadas, que as do seu; sem embargo de serem os *trocados*, *derivações* ou *calembourgs*, como lhes chamam, muito mais frequentes e faceis em francez, do que entre nós: 2.ª, que as minhas lettras teem um valor muito mais puro e extreme, do que as suas; e, por conseguinte, muito mais naturalmente se prestam a ser sommadas, isto é, a deixarem-se lêr em palavras; n'isto, muito mais do que elle, me acheguei eu ao que deveu ser o methodo primitivo da leitura; methodo *primitivo*, repito, pois é inquestionavel, que os primeiros nomes das lettras haviam de expressar infallivelmente os seus valores; e que os alphabetos dos Hebreus, dos Gregos, dos Romanos, e de todos os modernos, foram barbaramente deturpados na nomenclatura por alguns pedantes, com gravissimo detrimento da instrucção publica: 3.ª, que a cada uma das lettras de valor variavel, aprende o meu alumno, desde a primeira Licção, todos os valores que ella póde ter; o que ao alumno de Mr. Lemare não acontece; assim,

na cartilha de Mr. Lemare, o *R* tem um só valor, porque tem um só nome; na minha, tem dois nomes, e dois valores; um o seu *S* e o meu *S* tres; um o seu *O* o meu *O* outros tres; um o seu *C* o meu dois; o seu *E* um, o meu quatro, etc.

Além destas tres vantagens capitaes, outras lhe levo ainda no meu livrinho. Facilmente as descobrirá, per si mesmo, quem se der o trabalho de nos acarear.

As pessoas, que pertenderem ensinar pelo meu Methodo, deverão seguil-o com o maior escrupulo; por pouquissimo que se desviassem delle, retrogradando para a autiga inepcia, por pouquissimo, que falsificassem a uma só das lettras o valor, que eu recommendo se lhe dê, ou deixariam de colher o desejado fructo, ou já o não tomariam senão pêco, e indubitavelmente muito mais serodio. A rasão, per si mesma o diz, mas, de mais a mais, a experiencia m'o tem, superabundantemente, comprovado.

Divido este livro em Licções; entendendo por Licção um bem distincto periodo do ensino, e não um periodo, de uma, duas, ou tres horas de eschola; Licção haverá que possa levar dois dias; e outra, que não possa deixar de consumir ainda maior espaço.

Em cada Licção procurei explicar aos Mestres, com a maior clareza e minuciosidade, o modo como a devem dar, e a essas explicações, lhes recommendo, e torno a recommendar, instantissimamente, dêem toda a attenção, e na pratica as sigam com escrupulo, que nunca será demasiado. Qualquer omissão, qualquer falsificação, ainda tenuissima, deitaria tudo a perder, e desacreditaria irremissivelmente o methodo, em quanto, seguindo-o, tal como eu o dou, os Professores mesmos ficarão attonitos com os progressos dos seus ouvintes, e gosarão certos premios da consciencia, que eu tambem já colhi, e com os quaes, não ha satisfação alguma que se possa, nem por longe, comparar.

Homens de bem e de juiso, postos pela Providencia no mui grave officio de ensinar as primeiras lettras, convencei-vos bem, de que estamos fazendo com este pequeno e obscuro trabalho, o mais relevante serviço possivel ás sciencias, ás artes, á moral, á civilisação. Outros nos excederão em esplendor e nomeada; em prestimo, ninguem.

Agora permita-nos o leitor que juntemos as seguintes considerações, que a publicação deste livro nos sugeriu.

O Methodo de leitura repentina pelo Sr. A. F. de Castilho não póde deixar de ser considerado, como um grande acontecimento, em relação á nossa instrucção publica — só a auctoridade e credito do nome que o firma, bastavam para tal.

Quando um homem que é dos primeiros na ordem litteraria, sahiu á praça com um livro na mão, e diz — Eis aqui a luz: — esse homem pede, e deseja um julgamento. Negar-lho, seria um crime — conceder-lho, é só justiça.

Sentenceem os juizes competentes: —

A Imprensa:
O Governo:
E o publico.

Quanto á imprensa, esperamos que não faltará a este seu dever; e, quanto ao publico, é nossa opinião, que desde que um methodo de ensino se appresenta auctorisado por nome de tanta valia, e experiencias sabidas, já ninguem poderia, sem remorsos, entregar seus filhos ao systema antigo sem experimentar o moderno.

Pelo que diz respeito ao Governo, é este o que mais deve concorrer para o que se deseja. Como representante da sociedade, como avaliador das suas necessidades, cumpre-lhe, já sem mais demoras, verificar a efficacia do livro, o que póde alcançar nomeando uma commissão especial para, praticamente e com audiencia do auctor, fazer uma experiencia em grande pelo antigo methodo, e pelo moderno. Publicado o resultado, se fosse como nos parece que seria, tudo em favor do novo systema, era mister que, *in continenti*, cada professor do reino tivesse um exemplar do novo livro, e que em cada aula se ensinasse a lêr por um methodo, que sendo o mais logico, e approveitavel, devia ser o unico usado. Não se procedendo assim, parece que o Governo deixa o direito salvo para, no futuro, se lhe poder pedir grave responsabilidade, se o publico pela experiencia particular, chegar ao resultado que o Governo primeiro tem direito e dever de reconhecer.

Á consciencia do Governo, dos mestres e das familias, entregamos estas nossas reflexões, que assentam na convicção que temos de que:

A civilisação é o saber:
Sabe quem lê:
A brevidade do ensino é um grande valor:
A *Leitura Repentina* é um methodo facil e valioso.

Se procedendo assim nos enganamos, é com o maior desejo de acertar.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

MODO DE PURIFICAR AGUARDENTE.

54 Dissolvem-se 65 grammas de cholureto de cal em 225 canadas d'aguardente, e destilla-se no alambique. Vai-se recebendo o producto da distillação n'um refrigerador, no alto do qual se acha um crivo: basta que sobre este crivo se ponha uma camada de dez centimetros de carvão animal bem purificado, atravez do qual tenha de passar o liquido, antes de cair no fundo do refrigerador.

CAMARAS MUNICIPAES.

(Continuado de pag. 29.)

55

Quotas da unidade, segundo o rendimento das Camaras Municipaes, em cada uma das Provincias.

	500$ rs.	1.000$ rs.	2.000$ rs.	3.000$ rs.	4.000$ rs.	mais de 4.000$ rs.	Total
Minho	.02	.14	.23	.18	.12	.22	.91
Traz-os-Montes . .	.17	.16	.29	.11	.02	.21	.96
Beira.	.05	.20	.26	.18	.08	.10	.97
Estremadura. . . .	.08	.21	.39	.15	.01	.15	.99
Alemtejo	.00	.10	.26	.30	.16	.15	.97
Algarve	.06	.12	.36	.12	.18	.06	.90
REINO	.05	.18	.34	.18	.08	.14	.97

Entre estas seis provincias, a do Minho, que é a mais pequena de todas, tem a quota de 0.22 para os concelhos de mais de 2:000$ réis, em quanto a provincia da Estremadura só tem a de 0.15. A quota de 0,22 da provincia do Minho ainda havia de subir a mais, se se resumissem os pequenos concelhos que nella existem, pois não deve bastar para a existencia destes, que os povos tenham os meios para costear paços concelhios, porque esse costeio onde os concelhos não são necessarios, não vem a servir senão para a dissipação de cabedal, que esmuiçado assim em pequenas quantidades, para nada vem a servir. Não é só na quota dos concelhos de mais de 4:000$ réis que a provincia do Minho sobresáe á Estremadura, e a todas as mais provincias do reino, é tambem na quota dos concelhos de 3 e 4 contos, onde ella tem a quota de (0.12+0.22) 0.34 em quanto a Estremadura tem só a quota de (0.01+0.15) 0.16 tendo então esta provincia na quota dos concelhos menores de 500$ réis, 1:000$ réis e 2:000 rs. (0.08+0.21+0.39) 0.68 contra (0.02+0.14+0.23) 0.39 no Minho. O Alemtéjo em consequencia da sua escassa população, os bens montados e latifunda, tem poucos dos concelhos menores, mas como a sua riqueza é pequena relativamente, tambem por isso tem menos dos grandes do que devera ter. A provincia de Traz-os-Montes, sendo pobre tem a quota de 0.17 nos pequenos concelhos de 500$ réis, quando o Alemtéjo não tem nenhuns dessa lotação, sendo o termo medio do reino para taes concelhos, só de 0.05. A pequenez do Algarve, e a sua mediania, está perfeitamente pintada nos seus concelhos, porque tem de todas as quotas, mas em maior quantidade, nas da meia classe.

Quotas por Fogo e quotas por legua quadrada.

Estas duas columnas são ainda uma ampliação ao que se disse sobre a classificação dos rendimentos dos concelhos. A columna das quotas por fogo, mostra o que cada um destes é chamado a pagar segundo as forças productivas do seu respectivo districto, e por tanto a riqueza individual dos cidadãos que nelle habitam. É a maior quota, excluindo a de Lisboa e a do Porto, a de Portalegre que monta a 3,200 réis, e a menor, a de Aveiro, que são 1,159 réis. Os governadores civis dos districtos tinham aqui motivo para as suas cogitações, afim de conhecerem a razão desta differença e donde ella se originava. Por esta differença póde-se induzir que a existencia dos portalegrenses, é quasi tres vezes mais folgada do que a dos aveirenses. Effectivamente os primeiros comem pão de trigo, e exportam este cereal em grandes quantidades, e os segundos comem pão de milho, não o exportam, antes o contrario, e consomem só como 10 de cereaes, em quanto os primeiros consomem como 29, ou quasi tres vezes maior porção delles. Eram nestas averiguações que deviamos empregar os typos da nossa malfadada imprensa, é nestas averiguações que está a nossa redempção, não é na polemica injuriosa em que os nossos publicistas gastam os seus talentos.

A quota por legua quadrada offerece não menos interessante thema, do que o das quotas em que acabamos de fallar. Na quota por legua, temos a triste demonstração, de que em quanto o districto do Porto dá 2:167$ réis e o de Braga 1:589$ réis, o de Lisboa apesar da sua capital, não dá senão 1:350$ réis e o de Béja contribue para despesas municipaes com réis 104$ sómente, por legua quadrada. O abandono deste districto deve ser medonho de contemplar. São 15 vezes menos bemfeitorias no districto de Béja do que no Districto de Braga.

CLAUDIO ADRIANO DA COSTA.

(Continúa.)

MAPPA ES

das camaras municipaes dos concelhos nos annos

DISTRICTOS.	N.os de ordem.	1842 Fogos.	Concelhos.	Leguas □	A 500$ rs.	em 1.00	A 1:000$ rs.	em 1.00	A 2:000$ rs.	em 1.00	A 3:000$ rs.	em 1.00	A 4:000$ rs.	em 1.00	De 4:000$ rs. para cima	em 1.00	Fogos cada concelho.	Leguas □ cada concelho.
Braga........	II	69.961	19	91			3	.15	6	.30	2	.10	3	.15	5	.25	3,682	4.7
Porto.........	I	89.836	21	91			5	.22	6	.27	5	.22	2	.09	3	.13	4,282	4.3
Vianna.......	III	43.528	13	80	1	.07	1	.07	2	.14	3	.21	2	.14	4	.28	3,348	6.1
Minho.........		203.325	53	262	1	.02	9	.14	14	.23	10	.18	7	.12	12	.22	3,836	4.9
Bragança........	XII	33.315	19	199	2	.10	1	.05	6	.30	3	.15	1	.05	6	.30	1,753	10.4
Villa Real......	XIII	43.764	25	138	6	.24	7	.28	7	.28	2	.08			3	.12	1,750	5.5
Tras-os-Montes. .		77.079	44	337	8	.77	8	.16	13	.29	5	.11	1	.02	9	.21	1,751	7.6
Aveiro.........	V	58.103	24	122			7	.28	10	.40	3	.12	1	.04	3	.12	2,421	5.1
Coimbra.......	VII	59.946	32	111	1	.03	2	.06	16	.48	8	.24	3	.09	2	.06	1,873	3.4
Viseu.........	X	71.489	40	108	1	.02	8	.20	18	.45	7	.17	3	.07	3	.07	1,787	2.7
Guarda........	XIV	49.032	30	178			2	.6	10	.30	7	.21	3	.09	8	.24	1,634	5.8
Castello-Branco .	VIII	31.431	17	207	2	.12	7	.42	3	.18	3	.18	2	.12			1,849	12.1
Beira..........		270.001	143	726	4	.5	26	.20	57	.36	28	.18	2	.08	16	.10	1,838	5.0
Leiria.........	XI	28.330	16	110	2	.12	3	.20	6	.40	3	.20			2	.12	1,770	6.8
Santarem.......	IX	39.378	22	194			3	.13	10	.45	3	.13	1	.04	5	.23	1,789	8.8
Lisboa.........	IV	103.887	39	303	5	.13	12	.31	13	.34	5	.13			4	.10	2,663	7.7
Estremadura....		171.595	77	607	7	.8	18	.21	29	.39	11	.15	1	.01	11	.15	2,228	7.8
Béja...........	XV	27.430	17	419			1	.06	4	.24	7	.42	1	.06	4	.24	1,613	24.6
Evora..........	XVI	22.524	14	219			3	.21	5	.35	2	.14	3	.21	1	.07	1,608	15.6
Portalegre......	XVII	22.443	19	200			1	.05	4	.20	7	.35	4	.20	3	.15	1,181	10.5
Alemtejo.......		72.397	50	838			5	.10	13	.26	16	.30	8	.16	8	.15	1,447	16.7
Faro...........	VI	33.071	15	180	1	.06	2	.12	6	.36	2	.12	3	.18	1	.06	2,204	12.0
Algarve........		33.071	15	180	1	.06	2	.12	6	.36	2	.12	3	.18	1	.06	2,204	12.0
Reino		827.468	3821	2950	21	.05	68	0.18	132	.34	72	.18	32	.08	57	.14	2,166	7.7

TATISTICO

de 1842-43, 1847-48, no continente do reino.

RÉIS.

Rendimento total por districto.	Quota por fogo.	Quota por legua quadrad.	Contribuição indirecta.	Contribuição directa.	Rendim.tos proprios dos concelhos.	Decima 1841—42.	Congruas.	Expostos.	Ensino.
144.594$	2.065	1.589$	30.455$	15.737$	5.620$	98.651$	82.201$	23.163$	1.380$
197.256$	2.191	2.167$	116.499$	7.377$	5.765$	176.581$	65.382$	26.099$	1.570$
72.871$	1.649	0 910$	20.140$	4.619$	3.297$	51.737$	44.791$	9.632$	760$
414.721$	2.043	1.382$	167.094$	27.733$	14.682$	326.969$	192.374$	58.894$	3.710$
65.765$	1.971	0.328$	2.122$	10.944$	3.150$	44.895$	39.288$	10.261$	1.211$
76.991$	1.749	0.549$	15.080$	8.081$	2.355$	42.975$	42.465$	9.010$	1.411$
142.756$	1.856	0.423$	17.202$	19.025$	5.505$	87.870$	81.753$	19.271$	2.622$
67.210$	1.159	0.550$	25.664$	1.602$	1.567$	44.135$	30.632$	7.745$	1.445$
75.842$	1.264	0.683$	22.390$	6.766$	4.827$	60.678$	34.661$	8.429$	1.200$
107.468$	1.513	0.977$	21.787$	11.020$	4.500$	59.944$	52.561$	17.600$	1.740$
105.776$	2.362	0.587$	7.689$	29.397$	6.592$	43.213$	43.879$	18.229$	1.695$
48.816$	1.627	0.253$	8.075$	4.507$	8.328$	38.373$	19.831$	8.075$	979$
405.112$	1.500	.0558$	85.605$	53.292$	25.812$	246.343$	181.544$	60.078$	7.059$
38.378$	1.370	0.349$	9.379$	3.120$	3.459$	33.579$	16.874$	5.546$	675$
60.368$	1.547	0.311$	17.495$	1.804$	6.846$	86.447$	24.973$	9.250$	1.020$
409.213$	3.934	1.350$	33.555$	4.801$	210.654$	588.602$	55.110$	103.093$	2.704$
507.959$	2.953	0.836$	62.429$	9.725$	220.959$	708.628$	96.957$	117.889$	4.399$
43.482$	1.610	0.103$	1.360$	1.867$	10.709$	50.386$	20.289$	9.257$	882$
54.593$	2.373	0.248$	7.609$	1.899$	17.204$	73.188$	18.553$	9.328$	420$
70.436$	3.201	0.352$	10.822$	9.112$	25.066$	63.345$	16.124$	9.312$	719$
168.511$	2.340	0.201$	19.791$	12.878$	53.979$	186.919$	54.966$	27.897$	2.021$
51.850$	1.571	0.343$	6.339$	4.360$	12.002$	42.104$	19.547$	9.602$	312$
51.850$	1.571	0.343$	6.339$	4.360$	12.002$	42.104$	19.547$	9.602$	312$
1,690.909$	2.044	0.573$	358.460$	127.013$	331.939$	1,598.833$	627.151$	293.631$	20.123$

CLAUDIO ADRIANO DA COSTA.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXVI.

Sua Paternidade.

(Continuado de pag. 33.)

57 — Ainda vem longe esse dia de gloria para Portugal; de triumpho para a religião! — disse o bispo do Porto.

— *Qui perseveravit usque in finem, hic salvus est* — atalhou Sua Paternidade. — Tenhamos perseverança até ao cabo, se quizermos alcançar a salvação. Estamos, verdade é, em tempo de grandes tormentas, mas eu que estou muito costumado a navegar, que tenho tantos annos de marinheiro, bem sei que nunca falta S. Pedro Gonsalves, a quem a elle se encomenda, e se fia nos seus poderes.

Esta allusão ao Infante, de que Sua Paternidade se servira, com o fim de fixar a attenção dos fidalgos sobre o assumpto, para que se haviam reunido áquellas horas na sala de jogo de Mestre Pedro, produziu o effeito que o jesuita desejava.

— Muito devemos nós esperar de S. Pedro Gonçalves, como diz V. P. — acudiu o Conde de Villa-Flôr: — porque é santo capaz de grandes milagres. Mas tão longe o trazem da côrte do céu... Fallemos claro, Sua Alteza está tão affastado de seu irmão, tem-no indisposto os validos por tal modo com Sua Magestade, que dificil lhe será pôr termo a esta situação indecorosa para todos nós, perigosa para a santa fé, em que actualmente se acha Portugal.

— Difficil é, impossivel não; porque nada é impossivel á vontade de Deus — atalhou Sua Paternidade.

— No estudo das profecias, a cada passo se me vão descubrindo maiores e mais seguros fundamentos para esperanças e felicidades; e basta que em nós, instrumentos da Providencia, haja humildade e mais humildade, confiança e mais confiança em Deus, e um profundo e verdadeiro conhecimento, que da sua mão vem e ha de vir tudo, para que cedo chegue esse imperio de Christo no mundo, de que Izaias disse: *In eum gentes sperabunt.*

— Para que se cumpram as profecias basta só a vontade de Deus, bem no sei — disse o Conde da Ericeira. — Mas quizera vêr já os primeiros indicios da felicidade futura apparecerem no horisonte; e por ora tudo são trevas.

— As obras da justiça divina assentam sobre merecimento, e ainda as da Providencia esperam cooperação — respondeu o Jezuita. — Mas não ha de que perder a esperança, onde os signaes da Misericordia são tão evidentes. Pelas cartas de que o Sr. D. Rodrigo de Menezes me fez mercê, tenho sabido noticias do estado das coisas na corte. Com tantos annos de rustico como tenho já, mal posso dar um parecer acertado, sobre o que, nestas circumstancias, convem fazer; mas o que eu posso, é ajudar com as fracas forças, que as enfermidades, os annos e os trabalhos me deixaram ainda, esses que mais podem e mais valem do que eu.

— É de V. P. que fiamos tudo — disse D. Rodrigo de Menezes. — Todos em Portugal sabem apreciar, o muito que valem os sabios conselhos de V. P. A situação em que Sua Alteza actualmente se acha é difficil, e perigosa; o valido consentiu, quero dizer, aconselhou a El-Rei que desse gentis-homens ao Sr. Infante; porém as intrigas, com que busca afastal-o de seu augusto irmão, recrescem de dia para dia; de modo que Sua Alteza agora só por occasião de funcções publicas vae ao Paço; não porque recêe o perigo, mas por que quer deste modo provar o seu respeito pela Magestade.

— Para derrubar inimigos poderosos, cuja existencia é contraria ao bem da fé e á grandesa do reino — disse Sua Paternidade, — é preciso ter grande poder e grande ousadia. Faça-se Sua Alteza amar, e terá poder para tudo.

— Muitos fidalgos, desgostosos de vêr o que se passa na corte, e atraidos pela grande alma de Sua Alteza, tem vindo ao Corte-Real offerecer o conselho, e a espada — atalhou D. Rodrigo.

— Não é tempo ainda para a espada, como por vezes tenho escripto a V. S. — respondeu o Jezuita; — para o conselho sim.

— E que aconselha V. P. que se faça, nesta occasião?

— Sua Alteza deve, sem mais hesitação, deixar a corte, e partir para o exercito do Alemtejo. O Sr. Infante, quando era ainda de pouca idade, foi nomeado pela Rainha, que Deus haja, Capitão General; não é muito que hoje peça a Sua Magestade licença para ir ao exercito, tomar parte na defesa do reino. No exercito póde Sua

Alteza acrescentar muito o seu poder, em levando quantidade de dobrões, que destribua aos soldados e aos trabalhadores, em conhecendo falando e chamando pelos seus nomes, não só aos grandes e medianos, senão ainda aos mais pequenos. Desta maneira se conquistam e confirmam os corações de vassallos; e a maior empresa é facil a quem tem o dominio dos corações.

— Corações comprados não tem valor — acudiu o Conde da Torre.

— A polvora, a bala e os canhões são comprados, Sr. Conde, e bem se vê o impeto com que servem e os estragos que fazem no inimigo.

— Para comprar é preciso ter dinheiro — disse D. Rodrigo de Menezes: — e Sua Alteza...

— Não o tem?

— V. P. bem sabe o estado em que está a casa do sr. Infante.

— O ducado de Béja, e a casa confiscada ao Marquez de Villa Real e ao Duque de Caminha, de que Sua Alteza está de posse, dão renda sufficiente para o sr. Infante poder passar ao exercito como General.

— Não dão nem renda sufficiente para o sr. Infante viver na côrte, com o lusimento devido á sua elevada posição.

— E as suas commendas de Christo?

— Pouco rendem ou nada.

— E as saboarias do Porto, de Traz-os-Montes, e d'Entre Douro e Minho, de que o sr. D. João IV fez tambem doação a Sua Alteza? — perguntou o Bispo do Porto.

— Estão empenhadas.

— E os dois mil quintaes de páu Brazil, de que El-rei lhe fez mercê?

— Ainda não chegaram.

— Quando a Bahia estava em risco de cair totalmente nas mãos dos Hollandezes — acudiu Sua Paternidade, — mandou-me o sr. D. João IV, que Deus tenha em gloria, chamar a Carcavellos, onde eu estava convalescente; quando cheguei a Alcantara, soube da bôca de Sua Magestade o que era passado no Brazil, e que o Conselho d'Estado fôra chamado para dar o seu parecer sobre aquelle negocio. Esperei até á noite pela resolução do Conselho, e disse-me então Sua Magestade, que todos os conselheiros tinham representado a importancia de ser soccorrida a Bahia; para o que eram necessarios perto de trezentos mil cruzados, que não havia, nem occorria meio algum de poder haver. Então, indignado, respondi a El-rei: Basta, Senhor, que a um Rei de Portugal hão de dizer seus ministros, que não ha meio de haver trezentos mil crusados, com que acudir ao Brasil, que é tudo o que hoje temos! Ora eu, com esta roupeta remendada, espero em Deus, que hoje hei de dar a Vossa Magestade toda essa quantia. Prometti, e cumpri, porque Deus me ajudava. Hoje tambem, se, para serviço da fé e bem de Portugal forem mister outros trezentos mil cruzados, mostrarei que esta roupeta val ainda tanto quanto então valia, e que ainda ha mercadores tão ricos e tão virtuosos como Duarte da Silva, que conte, a Sua Alteza todo o dinheiro de que possa precisar.

— E uma vez no exercito; uma vez senhor dos corações dos soldados...

— Sua Alteza arrancará das mãos do Castello-Melhor o poder, que não é delle, que lhe não pertence. E quem sabe, se o Sr. Infante é esse descendente de Fernando Catholico, esse successor de Affonso Henriques, a quem as chagas de Christo foram dadas por armas, para com ellas destruir o Turco, e vingar as injurias da Egreja, e desfazer todas as heresias, e receber em fim a investidura da mão do Pontifice, para ír depois á conquista da Terra Santa! Grandes são os decretos da Providencia, e grandes os mysterios que se contém nas profecias!

A estas palavras seguiu-se um profundo silencio. Todos os olhos estavam fixados em sua Paternidade que, de pé, com a cabeça inclinada para traz, os olhos fulgorantes erguidos ao céu, a bocca semi-aberta, a larga testa sulcada por duas rugas profundas, o braço estendido, parecia um dos profetas antigos, annunciando a destruição de um imperio ou a futura redempção da humanidade. Ninguem ousou romper o silencio; porque todos aquelles fidalgos, muitos dos quaes haviam combatido heroicamente nas guerras contra os Castelhanos, se sentiam subjugados pela voz, e pelo gesto do Jezuita. Nenhum se julgava com direito de fallar, quando Sua Paternidade, callado e com a mão estendida imperiosamente, parecia querer-lhes impor silencio.

— Eia, senhores! — bradou, minutos depois, esse homem, a quem todos escutavam como se fôra um oraculo. — É chegado o tempo de Sua Alteza se despedir do ocio, dos livros, das meditações solitarias, e de ensinar aos Portuguezes e ao mundo, o que em tão curtos annos tem aprendido. Armas, guerras, e victorias, pôr bandeiras inimigas e corôas aos pés, são de hoje

em diante as obrigações de Sua Alteza, e as de todos nós.

Um murmurio de admiração e de enthusiasmo correu por toda a assembléa; mas foi seguido logo de profundo silencio. As palavras do Jesuita haviam rasgado, como por milagre, um canto do véu, que lhes encobria o futuro; e todos, perplexos e assustados, meditavam e extremeciam.

Pouco a pouco o fogo da inspiração foi-se apagando nos olhos de Sua Paternidade; os musculos distenderam-se, as rugas da testa desdobraram-se, o braço caiu inerte. Aquelle velho, minutos antes bello, grande, sublime, tomou quasi subitamente um ar tão humilde, o corpo curvou-se-lhe tão quebrado e sem força, a cabeça caiu-lhe tão sem alento, os olhos baixaram-se-lhe para o chão com tal tristeza que, quem pela primeira vez o visse naquelle instante, julgaria ter diante de si o infimo dos filiados na Companhia de Jesus, a quem a obediencia passiva houvesse apagado a luz da rasão e o vigor da vontade propria.

Traçando a capa, pondo na cabeça o chapéu de plumas negras, Sua Paternidade saudou respeitosamente os fidalgos.

— Vou-me direito ao collegio de S. Antão — disse elle quasi em voz baixa, — onde me espera o Padre Provincial, para fallarmos de objectos relativos ás missões do Maranhão, que muito interessam o serviço da fé; e lá ficarei até que a vontade de Deus me leve para outra parte.

E saudando segunda vez os conspiradores, saiu pela porta que dava para o Largo da Sé.

Meia hora depois entrava na sala, e era recebido, affagado, cumprimentado, louvado e lisonjeado por D. Rodrigo de Menezes e pelos outros fidalgos, o corrieiro Antonio de Belem, Juiz do Povo da cidade Lisboa.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

BELLAS-ARTES.

As Artes em Portugal.

Extrahido do n.º 27, do *Art-Journal*, publicado em Janeiro de 1849.

Ao Editor do *Art-Journal*.

58 Um dos meus principaes objectos, durante a minha estada em Lisboa, foi indagar o estado das bellas Artes em Portugal, e examinar as collecções de pinturas, que alli existissem. Eu não esperava muito, porém sem ter feito investigações, vim no conhecimento e fiquei grandemente maravilhado de vêr que neste paiz não existia o gosto para a pratica das bellas artes, e com tudo este paiz tinha produsido em architectura o convento da Batalha e a capella e o Convento de Belem. A primeira é um bonito especimen do gothico puro; e o segundo um dos melhores exemplares que eu tenho visto de gothico. Este estylo é chamado pelos portuguezes gothico-arabe. Devo tambem mencionar a porta principal de uma egreja velha em ruinas, na parte baixa da cidade, no estylo da capella de Belem e de egual belleza.

Pelo que respeita a pinturas: existe no Museu uma copiosa collecção de pinturas de Grão Vasco, de seus discipulos e imitadores. Estas são no estylo de Alberto Durer, porém julgo que pertencem mais á eschola italiana do tempo de Perugino. Suppor-se-hia que com tão bom fundamento para uma eschola nacional, devia encontrar excellentes progressos, porém pelo que pude colligir ha mui poucos outros pintores que seguissem o estylo portuguez, ainda que na bella salla do convento de Belem existam duas grandes pinturas de Dias (*) principalmente a que está no meio da salla.

É para lamentar que pinturas de algum valor estejam sujeitas a perder-se por carencia de cuidado, como succede com estas obras, principalmente se se attender que estas, bem como as do Grão Vasco, já mencionadas, são quasi todas as pinturas de mestres antigos portuguezes em Lisboa.

Coelho, pintor do seculo XVII, do qual algumas obras existem em Lisboa, nasceu em Portugal, porém de facto foi educado em Hispanha, e tem as suas principaes obras no Escurial. Vieira foi tambem um dos pintores portuguezes que viveu no ultimo seculo: uma das suas pinturas existe na Academia: estudou em Roma; e quando verifiquei que tinha sido discipulo de Carlos Maratti, e que as suas pinturas tinham grande similhança, como os portuguezes admittem, e se vangloriam, com as de Angelica Kauffmann, não teem rasão de se ensoberbecerem tanto com elle. Sequeira foi tambem um artista portuguez, fallecido ultimamente em Roma, e cujas obras são muito admiradas pelos artistas inglezes, e que eu tinha rasão para conhecer. O Duque de Palmella possue algumas dellas, que são no estylo de Rembrandt, porém eu não vi nenhuma.

Pelo que diz respeito á Academia, ha nella um estado maior de directores, professores, etc., e alguns discipulos, que eu vi estar trabalhando bem em relêvo. Porém na aula de desenho, similhante á nossa eschola de Desenho de Londres, nada era peior do que as copias sombreadas de desenhos de ornamentos, que os discipulos estavam fasendo: desenhos do peior gosto e dos peiores exemplares, e isto quando apenas a duas milhas, em Belem, ha os mais bellos ornamentos de architectura, que seriam uma mina inexgotavel de desenhos originaes. Vi um discipulo copiando uma das pinturas de Grão Vasco. Este parecia trabalhar com todo o cuidado e desenhar bem, porém

(*) Dias pintou pelo anno de 1534. Os portuguezes creem que estudou em Roma, e foi contemporaneo do Grão Vasco e discipulo de Angelo, e Raphael.

o professor de pintura não fasia caso delle, e elle executava a pintura em fundo branco, com traços exquesitamente transparentes, e que ficaria melhor copiada sobre um fundo escuro.

O Sr. Fonseca é o professor de pintura. Eu vi alguns dos seus frescos, que elle tinha pintado para uma egreja nova. Quanto á sua execução parece que tinha sido bem succedido, porém os desenhos não eram bons, e pareciam extrahidos de algum livro de estampas, e não estavam em harmonia com os delicados ornamentos azues do tecto. As pinturas são carregadas e escuras, e em breve tempo seriam ainda mais escuras, e o que é ainda mais de notar é que o pintor, que dirige o todo dos ornamentos, bem como que executa os frescos, está em melhor posição do que os que tem sido empregados nas nossas casas do parlamento, onde trabalham muitos architectos e pintores em differentes estylos e modos de execução, e de necessidade hão-de produzir um todo incongruente.

Ha um ou dois pintores discipulos de Fonseca, que estão, julgo, estudando fóra do paiz. Fonseca estudou sob o patrocinio do Conde do Farrobo, por dez annos em Roma, e entre algumas boas copias feitas por elle na Italia, avulta a da *Transfiguração* de Raphael, pertencente á collecção do Conde de Farrobo, que é bem executada, e similhante aos seus frescos. Vi tambem muitas pinturas suas em andamento na academia destinadas para um altar, que são com tudo inferiores aos seus frescos.

Na Academia visitei a aula de gravura, regida por um velho professor, e que tem um só discipulo; este gravava a frontaria da Batalha, tirada de uma estampa do mestre, e tive o gosto de saber que apenas havia dois annos que aprendia.

Visitei tambem o *estudo* do cavalheiro L. P. de Menezes, mancebo, filho de uma boa familia de Lisboa, que se dedicou á pintura, e estudou por mais de tres annos em Roma e Veneza. Vi algumas copias feitas por elle, mui bem executadas, alguns esboços feitos durante a sua estada naquellas paragens, bem como um grande quadro representando um mendigo e um rapaz, e dois ou tres bons retratos. — O seu estylo é franco, e o seu colorido bom; e evidentemente se conhece que preferiu Paulo Varonese a outros mestres venezianos, em relação ao colorido e modo de execução. Os seus ultimos retratos são executados de uma maneira larga e atrevida, que me fizeram recordar de alguns de nosso excellente pintor *Opye*. No estudo das bellas artes em Portugal, tenho para mim que este cavalheiro lhe dará o primeiro impulso.

É inutil especular em um paiz communicando ao mesmo tempo com a Italia, a Allemanha e a Hispanha, não tendo, desde o mais remoto tempo da renovação da pintura e architectura produzido algumas obras dignas de observação. Quanto á architectura, não ha nenhuns exemplos de haverem sido executadas. Todas as egrejas, conventos e palacios são em mau estylo grego, romano, ou Boromini. A egreja gothica de Belem tem uma capella com columnas jonicas e corinthias, e o orgam foi separado com uma gradaria grega, não comtudo mais barbara do que as addicções e reparos feitos no zimborio de Milão. Eu pensava que a Inglaterra estava á frente da arte de fazer livros, porém encontrei o Conde Radzinski, nas suas duas obras *Les Arts en Portugal*, e *Dictionaire historico-artistique*, que nos levou a palma. Realmente julgo ter dito tudo que ha em referencia ás artes em Portugal, e com tudo o Conde de Radzinski, trazendo uma lista de nomes, referindo livros que elle cita á vontade, dando longa conta da evidencia relativa ao estylo de Grão Vasco; imprimindo uma traducção de um velho tractado portuguez de pintura, que nada mostra em relação á arte portugueza, e refutando no fim o que diz no principio, enumerando pinturas de altar de terceira ordem e más egrejas, imprimindo o cathalogo das pinturas dos estudantes em 1843 sem mesmo emittir opinião alguma das suas obras, compoz por este modo os seus dois volumes.

Devo tambem dizer que aqui não ha nem um só pintor de paizagem, ou do que na arte se chama *tableau de genre*.

Devo com tudo dizer que as distracções politicas passadas, presentes e futuras, tem feito que as pessoas mais instruidas se não tenham podido dedicar ás Bellas Artes. Porém em tempos mais felizes deve ter-se esta esperança; e admiro-me, considerando que o proprio rei é amigo das artes, e similhante a S. A. Real o Principe Alberto, desenha e grava, que se não observe que o estudo das bellas artes é um dos mais seguros meios de civilisação; e até como questão de commercio, o ponto é de importancia. Ao presente não se encontra nas poucas fabricas de objectos de ornamento o menor simptoma de gosto ou de conhecimentos: as lojas estão cheias de objectos de manufacturas franceзas.

No meu juizo sobre a deficiencia das manufacturas de ornamentos devo exceptuar a dos azulejos pintados. Estes são admiravelmente executados, e muitos exteriores das casas, e paredes de quartos interiores são ornados com elles: alguns tem desenhados, mui bem, ornamentos e figuras.

Em quanto eu prevejo que é provavel que o gosto e conhecimentos do Rei podem, em tempos mais felizes, induzil-o a dedicar-se a proteger as Bellas Artes, como applicaveis aos regalos e gosos dos ricos e ao adiantamento das manufacturas do paiz, estou certo, pelo que vi das obras do Sr. Menezes, que S. M. encontrará nelle uma pessoa muito capaz de pôr em execução o que possa ser considerado necessario para dar impulso á renovação da pintura tanto nos seus principaes ramos, como no desenho de ornamentos.

H. B. E.

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

16 a 30 de Setembro.

DIARIO N.° 218.

59 Continúa a publicação das diversas classes da Pauta Geral das Alfandegas.

DITO N.º 222.

Portaria suscitando a fiel observancia do artigo 39 do Regulamento das Cadêas de 1843, sobre as regras que devem seguir-se na remoção dos presos de umas para outras cadêas.

DITO N.º 228.

Portaria dando provideucias para se obstar, por todos os meios fiscaes, a introducção de quaesquer quantidades de agua-ardente e vinhos estrangeiros.

DITO N.º 229.

Portaria ordenando varias providencias, ácerca da habilitação de ordinandos para serem admittidos a Ordens Sacras, especialmente á de Presbytero.

COMMERCIO DE VINHOS.

60 Provocámos, em o numero 2 do presente volume, uma discussão sobre a projectada Associação para exportação do Vinho.

Depois do nosso artigo não se lançou na imprensa nenhuma luz sobre a questão. Apenas a *Revolução*, que havia elogiado e noticiado a projectada Associação, lhe retira a sua approvação, escrevendo no seu n.º do 1.º do corrente, que a informam de que os fins da Associação são: —

Mandar vêr o Vinho de Dezembro em diante:

Embarcar só uma certa quantidade de pipas divididas por todos, e só de Fevereiro em diante:

Pagar o vinho só por uma certa quantia conforme os districtos, da maneira seguinte: — 48$000 rs. pelo Vinho de Carcavellos; parece que outro tanto pelo termo de Lisboa: 38$000 pelo da Abrigada; 33$600 pelo de Alemquer, Torres, e menos pelo dos outros districtos.

Tambem o mesmo jornal refere que se estabelecem multas para os Associados, com o fim de lhes evitar o poderem aproveitar-se de outro preço, que não seja o da Associação.

Parece-nos que na presença destes factos, se o pensamento da Associação existe, os seus auctores devem, sem demora, explicar qual seja, para que o juizo do publico se possa fundadamente pronunciar sobre um negocio que muito póde interessar á nossa agricultura.

BOLETIM COMMERCIAL.

61 — *Praça de Lisboa*, 2 de Outubro. — Fundos publicos de 5 por cento, 47 a 48½, de 4 por cento, 38 a 39. — Acções do Banco de Portugal rs. 365$000 a 372$000 — Acções do Fundo de Amortisação, 35 a 37. — Desconto de Notas a 260 a 280.

— *Estado do mercado*, em 2 de Outubro. — Algodão de Pernambuco 125 a 130 rs. — Dito do Maranhão 125 a 130 rs. — Dito da Bahia 120 a 125 rs. — Pará 120 a 125 rs. — Poucas vendas.

Assucar de Pernambuco B. de n.º e 2.ª sorte, 1$550 a 1$700 rs., dito de 3.ª e 4.ª dita, 1$450 a 1$500 rs., dito de 5.ª e 6.ª dita 1$300 a 1$400 rs. — Do Rio dito ha falta. — Da Bahia dito 1$350 a 1$450 rs. — Das Alagôas dito 1$300 rs. — Do Pará, bruto a 1$000 1$050 rs. — Mascavado superior 1$150 a 1$200 rs., dito inferior 950 a 1$100 rs. — Chegaram do Brasil as seguintes caixas; a saber: de Pernambuco 64 caixas, 406 barricas e 28 sacos; — do Rio: 152 caixas; — da Bahia: 206 caixas, e 11 barricas. As vendas limitam-se para o consumo.

Cacáu 1$700 rs. — Preço nominal: — é pouco procurado.

Caffé do Rio. — 1.ª sorte, 2$700 a 2$800 — 2.ª dita 2$400 a 2$500 rs. — 3.ª dita 2$250 a 2$300 rs. — Chegaram do Rio somente 53 sacas. O deposito é mui diminuto.

Cêra de Angola B 250 a 255 rs. — Dita A. 225 a 230 rs. — Poucas vendas.

Marfim de lei 1$050 a 1$200 rs. — Dito meão 850 a 950 rs. — Dito escravelho 600 a 750 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

Urzella 7$200 a 7$400 rs. — Houveram algumas vendas para embarque.

BIBLIOGRAPHIA.

62 LEITURA REPENTINA. *Methodo experimentado e efficacissimo para em poucas Licções, e com muito recreio, se aprenderem a lêr impressos, manuscriptos e numeração, approvado pelo Conselho Superior de Instrucção Publica do Reino, para uso das Escholas Nacionaes, e illustrado de numerosas gravuras*, por A. F. de Castilho. — Vende-se no Escriptorio da REVISTA, rua dos Fanqueiros, n.º 82; e na loja do Sr. J. P. M. Lavado, rua Augusta, n.º 8. — Preço 480 réis.

COMPENDIO DE HISTORIA UNIVERSAL, — por José da Motta Pessoa de Amorim. — Publicou-se a 1.ª folha do tomo 3.º e contém;

Seculo de Daniel e de Cyro. — *Historia sagrada.* — Tomada de Jerusalem, reedificação do templo e historia de Susanna.

Vende-se a 20 réis a folha na rua Augusta n.º 1 e 8; e a 300 réis por volume, nos principaes livreiros de Lisboa, Porto e Evora.

EXPEDIENTE.

Os artigos — *A industria nacional e a exposição de 1849, vão continuar regularmente do proximo n.º em diante.* O Redactor da REVISTA esperava pelo Relatorio do jury, para auxilio deste seu improbo trabalho, mas não se tendo até hoje publicado esse importante documento, fez quanto lhe foi possivel para supprir por si proprio, o auxilio que delle esperava. — Os artigos darão idéa do estado actual da nossa industria fabril, e de algumas das suas relações com a legislação do paiz.